

LITERATURA INFANTIL EM QUE E COMO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CHILDREN'S LITERATURE WHAT AND HOW STORY-TELLING CONTRIBUTES TO CHILDREN'S DEVELOPMENT IN CHILDHOOD EDUCATION

Crislaine Aparecida Sanches Hellmeister*
Emine Carla de Lima Baia**

RESUMO

A leitura não está somente atrelada a disciplina de língua portuguesa pois se desenvolvida dentro de um contexto ela transcende barreiras tornando-se multidisciplinar. A prática de ler ou contar histórias contribui em vários aspectos no processo de aprendizagem. Será ressaltada neste artigo a importância de contar histórias para crianças na educação infantil, e como essas histórias contribuem para o desenvolvimento integral da criança. É muito importante na formação da criança ouvir histórias, pois estimula o intelecto a imaginação, a capacidade de se expressar oralmente e corporalmente, incentiva a leitura, estimula o imaginário e ajuda na formulação de hipóteses, contribuindo assim para o desenvolvimento do seu potencial e de suas habilidades. Em que e como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento das crianças na educação infantil, foi a pergunta formulada após um trabalho feito sobre “storytelling” que é a capacidade de contar histórias relevantes. Assim este estudo teve como ponto de partida uma pesquisa teórica e qualitativa com estudo de caso. Foi possível perceber o quanto as crianças interagem em uma contação de história. A história pode se repetir, mas basta um toque diferenciado, uma técnica nova, de um simples ao mais complexo cenário, e a história é sempre ouvida com muita atenção pelos pequenos. Mediante os dados levantados podemos concluir que a prática de contar histórias é imprescindível e indispensável, pois além de ser uma prática prazerosa, ajuda no processo de ensino-aprendizagem e amplia a visão de mundo das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Contação de história. Desenvolvimento.

ABSTRACT

Reading is not only linked to the subject of Portuguese language, because if developed within a context it transcends barriers, becoming multidisciplinary. The practice of reading or telling stories contributes to several aspects of the learning process. This article will highlight the importance of telling stories to children in early childhood education, and how these stories contribute to the child's integral development. It is very important

* Pedagoga pela Universidade Paulista - UNIP. Professora da Educação Básica da SMED Araras. crisapsanches@hotmail.com

** Pedagoga pela Faculdade de Tecnologia Ciência e Educação – FATECE. Licenciada em Artes Visuais pelo Centro Universitário de Araras “Dr. Edmundo Ulson” - UNAR. Professora da Educação Básica da SMED Araras. eminecarla@gmail.com

in a child's education to listen to stories, because they stimulate the intellect, the imagination, the ability to express themselves orally and corporally, encourage reading, stimulate the imagination, and help to formulate hypotheses, thus contributing to the development of their potential and skills. In what and how storytelling contributes to the development of children in early childhood education, was the question formulated after a work done on "storytelling" which is the ability to tell relevant stories. Thus, this study had as its starting point a theoretical and qualitative research with a case study. It was possible to realize how much children interact in a storytelling. The story can be repeated, but all it takes is a different touch, a new technique, from a simple to the most complex scenario, and the story is always listened to with great attention by the little ones.

Keywords: Early childhood education. Storytelling. Development.

Introdução

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 42) “As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo”. Possivelmente despertar esse interesse não tem sido tarefa fácil para educadores pois, ao considerar o cenário do mundo atual globalizado e tecnológico, onde crianças muito pequenas tem acesso a aparelhos digitais, o espaço para que as histórias infantis que muitas vezes atravessaram gerações, possam ser instrumentos do desenvolvimento das habilidades e capacidades dos alunos está cada vez mais competitivo com essas diferentes distrações tecnológicas.

No Brasil existem crianças, que têm acesso aos livros, à informação, ao conhecimento e a cultura letrada somente ao ingressar na escola, enquanto existem outras que, apesar de terem acesso, em seus ambientes familiares, a todos os meios informacionais, não cultivam a prática da leitura. Neste contexto heterogêneo despertar o interesse e o gosto pela leitura por parte dos professores – educadores, bibliotecários e todos os profissionais ligados à área da educação não é tarefa fácil (NUNES, 2012 p. 18).

O ato de ler para uma criança é uma forma educativa e diversificada de ensinar, por meio dela o aluno entra em contato com muitas experiências, a beleza das palavras e sua sonoridade, o que trará futuros benefícios nas próximas etapas de ensino. Fato que nos levou a pensar no papel do professor, como o principal contribuinte no processo de ensino-aprendizagem, na alfabetização, na oralidade e gosto pela leitura.

Para além de se levar em conta as habilidades cognitivas, comunicativas, interacionais, afetivas e estéticas para a leitura literária, bem como as competências sociais, deve-se considerar ainda o aspecto híbrido e complexo dos processos histórico sociais que a

leitura literária se enredam. (PAULINO, 2005 *apud* SANTOS; MORAES, 2013, p. 30).

Além das sensações e emoções vivenciadas pelas crianças ao ouvir histórias, também é possível ensiná-las a partir desta dinâmica valores morais e éticos abordados em seu contexto social e cultural, é uma fase primordial onde esses conceitos são muito importantes para a formação do caráter do indivíduo.

Contar uma história é muito mais que simplesmente pegar qualquer livro na prateleira e ler, este momento pode ser em uma simples roda de conversa, ou pode ser planejada, dentro do contexto de um projeto que está sendo trabalhado em sala de aula. Enfim, contar história é fazer com que o ouvinte possa se imaginar dentro dela, é viver o personagem, rir, gargalhar, é suscitar o imaginário. “A contação de histórias é um instrumento muito importante no estímulo à leitura, ao desenvolvimento da linguagem, é um passaporte para a escrita, desperta o senso crítico e principalmente faz a criança sonhar” (CARDOSO; FARIA, 2016, p. 3).

Quando se trata de literatura em sala de aula, o maior desafio é atrair a atenção das crianças, é estimular o imaginário, as suas capacidades motoras, relações interpessoais, afetividade enfim o intelecto num todo. Contar uma história envolve todo um comprometimento de quem a está contando, é necessário que o professor saiba como extrair ao máximo toda a riqueza que uma história pode oferecer. Quando a história é bem contada e atrai a atenção de todos, estão sendo estimulados desenvolvimentos cognitivos, no campo emocional e social. Considerar as vivências individuais dos alunos neste momento de escolha da literatura também deve ser levado em conta.

A literatura infantil e juvenil oriunda desse processo de (re) construção a partir do princípio da identificação do mundo percebida pelo autor é prenhe de identificações simbólicas, que são percebidas e apreendidas, pelo sujeito leitor; este por sua vez tem suas próprias sensações e formas de ver o mundo (NUNES, 2012, p. 24).

Partindo desta ideia, a importância do ato de escutar histórias e o quanto isso contribui para que a criança seja um bom leitor e ouvinte é nítida, e é por meio desta prática que a leitura vai se apresentando para a criança, proporcionando amplas descobertas e compreensão do mundo. É fácil perceber que crianças que tem acesso à leitura mesmo sem saber ler, vê, toca, imagina histórias através de figuras e desenhos e tem um vocabulário amplo, articulam melhor as ideias, são mais curiosas e criativas.

Segundo Freire (2005) citado por Cardoso e Faria (2016, p. 5), “a leitura de mundo antecede à da palavra, ou seja, o ser humano é capaz de fazer interpretações das

situações cotidianas antes mesmo de saber ler”, desta forma contar histórias tem como objetivo fazer com que o aluno seja corresponsável pela aprendizagem, partindo do que ele já vivenciou, viu, sentiu, observou no seu dia a dia, aproximando esses fatos da cultura letrada. Cavalcanti (2002, p. 67), em concordância com este pensamento nos diz que: “[...] as narrativas das histórias de mundo fazem sentido apenas no momento em que se entrelaçam na história de vida do próprio sujeito”.

A partir deste pensamento percebe-se que para formar uma criança leitora, que tenha prazer nesta prática no futuro, é necessário que ela tenha contato com diversos meios literários a fim de que encontre um gênero textual que se identificará.

A presente pesquisa tem por objetivo principal e central comprovar e salientar principalmente aos envolvidos diretamente com o ensino, os benefícios da leitura bem estruturada e estrategicamente pensada no processo de ensino aprendizagem na educação infantil. Concomitantemente a pesquisa trará aspectos e estratégias possíveis para as contações de histórias, visando o despertar do interesse dos discentes.

Foi durante a vivência no âmbito escolar que compreendia a faixa etária das crianças pequenas que a construção da pergunta central deste trabalho foi elaborada: Em que e como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento das crianças na educação infantil. A partir desta pergunta central iniciou a pesquisa qualitativa que foi dividida em duas etapas, a primeira foi o embasamento teórico e a segunda etapa conta com a observação de práticas das professoras.

Toda a observação foi realizada em uma escola de educação infantil municipal, situada na periferia da cidade de Rio Claro-SP, prática esta que foi possível refletir também sobre o contexto social que o público alvo estava inserido, pois ao verificar o Projeto Político Pedagógico, foi possível notar que muitas crianças tiveram o primeiro contato com histórias na educação infantil.

A partir das colocações até aqui citadas, observa-se que a contação de histórias é um agente estimulador da leitura que, além de encantar e atrair atenções, facilita o processo de ensino-aprendizagem e introduz a alfabetização. Ao longo da leitura do presente artigo, o detalhamento de como esse processo ocorre será melhor detalhado.

Conceito e história da Literatura

Desde a mais tenra idade o ser humano tem a necessidade de expressar seus pensamentos. Para isso, ele utiliza imagens, símbolos, e principalmente narração. Para o

ser humano narrar uma história é algo tão natural como o próprio extinto de sobrevivência. As pessoas precisam se comunicar, ato tão importante quanto dormir ou comer. Da necessidade do ser humano de se comunicar, surgiram histórias que se perpetuam ao longo do tempo que foram transmitidas por meio da oralidade desde sua origem e fazem parte da tradição e da cultura ocidental.

Em tempos remotos, as pessoas juntavam-se ao redor de fogueiras, por exemplo, em grupos para narrar histórias que explicassem e resolvessem suas indagações; histórias que contavam a origem do mundo e do universo, representadas por heróis e mitos que personificavam os valores que orientavam diferentes culturas e com isso tornando a vida em sociedade mais significativa. A humanidade se desenvolveu, as histórias foram enriquecidas e, por fim, passa a ser considerada Arte, surge então a literatura.

O texto literário se distingue do texto não literário pelo fato de este último se caracterizar pela transparência, por objetivar diretamente a informação e a ação, enquanto o primeiro encontra-se a serviço da criação artística, tendo por característica ‘a marca da opacidade: abre-se a um tipo específico de descodificação ligado à capacidade e ao universo cultural do receptor’ (PROENÇA FILHO 1986 *apud* SANTOS; MORAES, 2013, p. 14).

A necessidade da distinção entre os gêneros textuais e suas funções contextuais levaram a criação da literatura, a palavra literatura vem do latim “litteris” que significa “letras”, e possivelmente uma tradução do grego “grammatikee”. Resumidamente, literatura é a instrução ou conjunto de saberes ou habilidades de escrever de forma artística.

Com o passar dos tempos e com as mudanças da sociedade surgem novas formas de narrativas. Por isso, foi possível notar uma transformação nas histórias, que mudam suas versões de acordo com o contexto social, ou seja, o local a época. Segundo Candido (2011, p. 177) “Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles”.

O conceito de literatura começou a ser utilizado a partir do século XVIII para distinguir e classificar os textos de escrita imaginativa. A principal propulsora da distinção de textos literários dos demais foi Madame de Staël, que defendia que textos literários buscavam contemplar o imaginário, o simbólico, diferentemente dos textos científicos carregados de raciocínio lógico, ciência e objetividade.

Em razão desta diferenciação, inicialmente simples, mas que com o passar dos tempos tornou-se complexa foi possível chegar aos conceitos de literatura que conhecemos hoje.

Literatura infantil no mundo e no Brasil

As primeiras publicações destinadas ao público infantil surgem somente no século XVIII, antes disso a criança era considerada um adulto em miniatura e não era tratada propriamente dita como criança uma vez que não consideravam o conceito de infância. Porém, alguns textos durante o classicismo francês no século XVII foram escritos e considerados apropriados para o público infantil, Seriam eles: *Fábulas*, de La Fontaine, publicadas entre 1668 e 1694; as aventuras de *Telêmaco*, de Fénelon, publicadas em 1717; *Contos da Mãe Gansa*, de Charles Perrault, publicados em 1697. O último citado tem especial importância para o estabelecimento da literatura infantil.

Mas, foi na Inglaterra no século XVIII durante a Revolução Industrial que a família, a criança e conseqüentemente a escola e a literatura ganham importância. Com a migração de vários povos para a Inglaterra durante a Revolução Industrial, aumentaram o desemprego e a miséria, essa migração em massa “fez inchar as cidades, incrementou o comércio e incentivou a produção de meios de transporte mais avançados” (LAJOLO, ZILBERMAN, 1999, p. 16). Entretanto, aumentou os índices de desemprego e a criminalidade.

Desta forma, a burguesia consolidada como classe social forte, passou a reivindicar poder político e busca apoio de instituições de peso na sociedade, como a família. Para legitimar essa família nuclear como padrão ideal burguês, foi necessário preservar a infância como valor e meta de vida. Então, a partir deste momento a criança passa a ser respeitada e compreendida, não sendo mais considerada como um adulto em miniatura. Dando assim espaço a produtos direcionados a crianças, brinquedos, jogos e aos livros infantis, na produção de bens culturais. Além disso, é nesse momento que algumas áreas da ciência ganham força como a Pedagogia, Pediatria e Psicologia infantil.

Arelado a tudo isso, a escola que antes era opcional passa a ser obrigatória, tornando a frequência escolar em algo natural. “Como a família, a escola se qualifica como espaço de mediação entre a criança e a sociedade, o que mostra a complementaridade entre essas instituições e a neutralização do conflito possível entre elas” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 17).

Sendo assim, a partir do exposto a literatura infantil torna-se instrumento de e para a consolidação de valores burgueses, podendo então citar duas obras que ainda hoje são expressivas, mas que constituem exemplos genuínos de literatura infantil que marcaram esta época: *Robinson Crusóé* (1917), de Daniel Defoe e *As viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift. Já no século XIX, as publicações que ganham destaque são: *Os contos dos irmãos Grimm*, publicados em 1812; as fantásticas, como as de Hans Christian Andersen, publicadas no livro *Contos* (1833); de Lewis Carroll, com *Alice no país das maravilhas* (1863); de Carlos Callodi, com *Pinóquio* (1883), e de James Barrie, com *Peter Pan* (1911).

Já no Brasil, apesar do acervo Europeu do século XIX servir de pilar para a produção do gênero, a produção literária em terras brasileiras levou em conta aspectos locais e traços culturais. Por muitos anos a literatura infantil era importada ao Brasil pelo Portugueses e em 1808 foi implantada a Imprensa Regia brasileira e oficialmente nasce a atividade editorial brasileira, em 1810 foi trazido de Portugal um acervo de livros e outros documentos que deram origem à Biblioteca Nacional, a primeira e mais importante biblioteca brasileira.

Após a chegada da família real e a proclamação da independência, abriu se novos horizontes na educação brasileira.

Assim, em 1921 Monteiro Lobato começa, portanto, uma nova fase literária destinada a crianças com sua publicação *Narizinho arrebitado*, dentre outras como: *Reinações de Narizinho*; *Histórias de tia Anastácia*; *O Pica-pau amarelo* e *A reforma da natureza*. Monteiro Lobato foi um “divisor de águas” na literatura brasileira, libertando a literatura cujos propósitos eram os de nacionalismo e moralismo da época. De acordo com Coelho (1991) apud Cardoso(2012, p.3), o sucesso da obra se deve ao fato de as crianças se identificarem com as situações “funde o real e o maravilhoso em uma única realidade”.

Em 1937 com a Constituição, iniciou-se uma nova fase para a educação, com a criação da Biblioteca Infantil Monteiro Lobato. Após este período muitos outros autores e gêneros de leitura infantil foram disseminados no Brasil tais como:

- Década de 1930 e 1940: *Sherlock Holmes*; *Rosa ou Menina Moça*.
- Década de 1950: *As aventuras de Xisto*, de Lucia Machado de Almeida.
- Década de 1970: *O menino maluquinho*, de Ziraldo, e *A turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa.

[...] o que não falta são bons livros para a criançada. Cabe àqueles que se dedicam à meninada – seja por que atividade for, entre as quais uma das mais gostosas é a de contar histórias – buscar, procurar, escarafunchar e, principalmente ler [...] (VIDAL, 2013, p. 13).

Atualmente, com a globalização e a realidade tecnológica propiciou um crescimento em números e em qualidade de livros infantis brasileiros, não deixando de destacar a variedade de gêneros tais como: A literatura de cordel, mitos, contos populares e folclóricos, quadrinhas, cantigas, fábulas, contos de fadas, entre tantos outros.

A contação de história

Esta é uma prática deliciosa, podemos fazer deste momento uma leitura “deleite”, leitura prazerosa, um momento de interação que pode ser de modo coletivo ou individual, no contexto familiar, no contexto escolar, em espaços públicos, bibliotecas, parques, etc.

O bom contador de histórias não apenas lê, ele incorpora a história a ser contada, por isso a importância de que o contador goste da história e previamente se prepare para contá-la. Para realizar uma boa contação é necessário mudar o tom de voz a cada passagem da leitura, para que o interlocutor entenda quando é o caçador ou o lobo mal que fala, exercitar uma voz fluente, produzir sons, gestos e reações para expressar o que as informações lógicas não conseguem. Uma história bem contada jamais é esquecida.

[...] Contar histórias é uma arte é tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. Daí que quando se vai ler uma história – seja qual for - para criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro livro que se vê na estante [...] (ABRAMOVICH, 2006, p. 18).

Ao sentar-se para contar uma história, qualquer pessoa que a faça necessita entender a importância daquele ato, pois desperta inúmeras sensações e emoções, sabores, cheiros, raiva, alegria, tristeza, frio, calor, amor, etc.

Segundo Cardoso e Faria (2016, p. 7) “O educador precisa se dedicar ao contar ou ler um texto, não somente didatizar as histórias sem a participação dos seus alunos. Deve haver o gosto do contador para despertar também nos ouvintes o prazer da história”.

Portanto quando alguém em qualquer contexto decide contar uma história, para prender a atenção de crianças, irá depender de vários fatores que se interligam, mas é de fundamental importância a elaboração de um plano, um roteiro, organização da narrativa,

segurança do narrador acerca da história, pois esta não pode correr o risco de ser improvisada a não ser que seja empregado algum tipo de técnica. Logo, a escolha da história apropriada para cada faixa etária é de suma importância para o sucesso dos fins que se destinam a contação da história.

A existência de estratégias ou técnicas para contar histórias

Para a autora Dohme (2000) uma boa contação de história deve começar pela voz, usar uma dicção correta, o volume, a velocidade, a tonalidade e o vocabulário. A autora ressalta um aspecto importante quanto a dicção, pois conforme ela, cada palavra precisa ser dita de forma clara, cada sílaba, sentindo cada um dos seus sons. Outro aspecto importante é falar as palavras pausadamente procurando não as emendar de forma que as crianças não possam entendê-las. Já em relação ao volume, a autora nos ressalta que é necessário que o tom de voz seja ajustado para cada ambiente, tomando cuidado para não falar nem muito baixo, nem muito alto, pois isso é altamente prejudicial na compreensão da história, uma vez que a história deverá ser contada no mesmo tom do início ao fim.

Para que a história seja realmente relevante e envolvente para as crianças, o educador precisa considerar alguns aspectos como não ter vícios de vocabulário, ser criativo, saber utilizar expressão corporal e facial, a entonação de voz e a criatividade e imaginação (CARDOSO; FARIA, 2016, p. 7).

A velocidade da voz deve ser trabalhada conforme o momento da história, já que falar mais rápido passa uma sensação de emoção e urgência, e falar devagar é adequado quando se deseja passar paz, harmonia, serenidade. Trabalhar a voz, variando velocidade, tom e volume pode-se conseguir efeitos interessantes na narrativa e tirar a monotonia.

Outro aspecto muito importante a ser considerado é o vocabulário, pois estamos lidando com um público de pouca idade tomar cuidado com os significados das palavras nesse momento é imprescindível. Para que ocorra a compreensão, é necessário levar em conta se haverá entendimento das frases, nesse momento o contador deve se apropriar dos estereótipos de falas que podem ajudar como por exemplo: mulheres tem a fala aguda, homens fala grossa; velinhos falam devagar; é possível reproduzir os sons emitidos por animais etc...

[...] Para que se almeje a democracia de acesso ao livro é necessário muito mais do que garantir preços baixos (o que também é urgente), é preciso permitir ao potencial leitor acesso à linguagem não por meio de adaptações, reduções e facilitações do texto, mas tornando-o legível pela audição, daí a importância do contador de histórias, pois o gosto

pela leitura não tem como caminho a obrigatoriedade ou contato físico com a obra, mas sim a afetividade de um contato prazeroso de leitura com os ouvidos, com os olhos com a voz[...] (MORAES *et al.* 2013, p. 140).

O mais correto é usar palavras simples e ir acrescentando aos poucos novas palavras ao vocabulário das crianças, e sempre que necessário explicar o significado de alguma palavra que o narrador identificar que não foi compreendida. Portanto, é por essa e outras razões que a voz é um instrumento tão importante e primordial para que a história possa ser interessante e prender a atenção das crianças.

Um aspecto muito importante que Coelho (1999) ressalta para contar histórias é o tempo de duração das mesmas, pois a duração da narrativa depende da faixa etária e do interesse que suscita: de 5 a 10 minutos para crianças pequenas, de 15 a 20 minutos para crianças maiores. Entretanto, este tempo é muito flexível, segundo a autora. Há crianças menores que acompanham todo o enredo e crianças maiores que se dispersam. Compete ao narrador estender ou diminuir o texto. Geralmente ao final das histórias as crianças pedem “conte de novo”, “conte outra vez”.

Desta forma, dependendo das circunstâncias se for possível prolongar o prazer, é preferível contar outra vez, repetir a mesma história durante alguns dias, de vez em quando voltar a conta-la novamente, faz com que possam antecipar emoções, já identificam alguns personagens, apreciam melhor a trama e a tornam mais ricas e mais duradouras.

No livro *Uma clareira no bosque: Contar história na escola* (2015) de Gilka Giardello, a autora expõe que, para contar uma história não precisamos decorar palavra por palavra, mas cena por cena. O texto oral tem que surgir na hora de acordo com o momento, com o ânimo e a idade das crianças. Entretanto, algumas frases são preciosas e precisam ser mantidas literalmente.

Além, do uso correto da voz é necessário a exploração cenográfica do enredo, fazer com que as crianças imaginem desde a cor do céu, os objetos na cena da história, qual a mobília, as cores, cheiros, sabores, etc. Muitos professores leem em voz alta para seus alunos, mas não se animam a contar histórias sem o apoio dos livros, outras ao contrário sempre contam histórias, mas raramente leem para as crianças.

Nesse sentido, podemos salientar algumas orientações básicas durante o ato do professor contador de histórias: entonação de voz cativante; movimento corporal; materiais de apoio; uso de onomatopeias; provocação de ruídos em momento de suspense; olhar comunicativo; expressões faciais (medo, alegria, indignação, tristeza, raiva, malícia); imitação; repetição de frases marcantes; criatividade quando o

momento exigir improvisação; espaço para participação da plateia (pequenas interferências); cantigas pequenas condizentes com a história e interposição entre o som e silêncio, evitando vícios no vocabulário (cacoetes). Tudo feito gradativamente, observando quais destes itens a história comporta (não necessariamente precisa usar todos juntos) de forma que dê sincronia, sem exageros (FARIA *et al.*, 2017, p. 38).

Nesse momento o contador da história previamente já terá escolhido quais meios irá utilizar com determinada história apresentando, sempre voltando sua atenção a cativar os ouvintes.

Na escola existe o professor encantador, aquele que prepara histórias deliciosas para seus alunos como se fossem biscoitos. O forno desta nova educação é a memória do professor, a imaginação onde cada vez mais crianças e adolescentes são convidados a sonharem os mundos que moram nos livros (MOTA, 2011).

Quanto mais à vontade estivermos com o texto, suas imagens e ritmos, mais expressiva e natural será a nossa leitura no tom apropriado para o local apropriado. Em vários momentos é possível tirar os olhos do livro para olhar para as crianças e encenar situações, mantendo o texto na ponta da língua.

Outras técnicas dizem respeito a imagens, podendo confeccionar gravuras, dobraduras, origamis, etc. Neste processo pretende-se trabalhar e estimular a capacidade de observação e organização sequencial do pensamento.

Pode-se usar o teatro como técnica, pois o teatro tem a função de educar, trabalhar a interdisciplinaridade e a globalização de conhecimentos. Dentro da ideia do teatro, temos o teatro de sombras, fantoches, dedoches, palitoches, personagens confeccionados pelas próprias crianças com materiais recicláveis, desta forma trabalhando a coordenação motora, o senso estético através da preparação de roupas, adereços, cenários etc.

Escolhendo a História para Educação Infantil.

Este é o passo mais demorado, pois há a necessidade de fazer uma seleção levando em conta a idade das crianças, o interesse dos ouvintes, e até suas condições socioeconômicas.

Os interesses de cada faixa etária é que determina a escolha dos tipos de histórias. A fase pré-mágica vai até os três anos de idade, onde o enredo deve ser simples, com ritmo e repetições e conter situações próximas à vida afetiva, social e doméstica da criança. Dos três aos seis anos, na fase mágica, deve prevalecer o encanto e as crianças solicitam

a repetição constante da mesma história (COELHO, 1999 *apud* CARDOSO; FARIA, 2016, p. 7).

A fase pré-mágica necessita que as histórias apresentem enredos simples, suscinto, vivo e atraente, é necessário escolher histórias com situações que se aproximem ao máximo da vida da criança, de sua vivência doméstica e afetiva, de brinquedos e animais que ela goste e que a rodeiam. Desta forma, a criança integra-se com os personagens e consegue “viver” o enredo e sentir-se no lugar onde os episódios narrados acontecem.

Até os três anos as histórias precisam ser mais repetitivas, a partir dos quatro anos a criança já possui uma imaginação criadora.

Na fase mágica as crianças pedem para contar a mesma história várias vezes e sempre que a escutam novamente há um encantamento novo, um interesse novo. Da primeira vez tudo é novidade, mas nas seguintes já sabem o que vai acontecer e criam expectativas, se identificam mais ainda com a história apreciando os detalhes.

No primeiro período desta fase a criança prefere histórias com um enredo mais reduzido, expressões repetidas; num segundo momento, começam a apreciar histórias com animais, zoológico, circo, histórias que envolvem flores, comidas, festas, nuvens, etc. Conforme sua linguagem vai se desenvolvendo interessa-se por enredos mais longos, mais ricos o que permite variar histórias e assuntos.

Storytelling

A comunicação humana teve um avanço estrondoso nas últimas décadas, há bem pouco tempo atrás o acesso a computadores e internet não era algo de acesso fácil. O tempo passou e hoje crianças desde muito cedo já tem acesso a mídias e passa a ver histórias muito mais que as ouvir.

A palavra é de origem inglesa e significa “a capacidade de contar histórias relevantes”, em outras palavras storyteller é um contador de histórias. Estas histórias relevantes em sua maioria utilizam recursos audiovisuais para serem contadas, podem ser improvisadas ou uma história polida e trabalhada. Um método muito utilizado no contexto da aprendizagem sendo um importante meio de transmissão de elementos culturais, regras e valores éticos. O storytelling hoje em dia está presente em várias formas de expressão: teatro, cinema, literatura e até mesmo nos videogames.

Quando o alvo são as crianças da educação infantil, o professor pode contar com uma gama de recursos lúdico-pedagógicos em sua atuação como contador de história, como por exemplo: caracterizações (fantasias, acessórios, pinturas pelo corpo, trejeitos dos personagens), fantoches, dedoche, palitoche, flanelógrafo, avental (roupão onde as gravuras são fixadas com velcro), livros em papel, imagens, fotografias, livros-brinquedos (pop-up ou 3D) e instrumentos musicais (FARIA *et al.*, 2017, p. 38).

O interessante desta nova forma de contar histórias é que, os alunos são naturalmente interessados em computadores, tablets e celulares o que viabiliza o processo de ensino-aprendizagem através desta prática.

Esta prática é eficiente na educação infantil porque ajuda as crianças a reterem informações, ao ouvir e ver histórias já conhecidas ou não, criadas através de fotos de seus familiares, de personagens, de algo do interesse deles pelo professor, os educandos estão mais propensos a lembrarem do conteúdo, pois começam a relacionar histórias com algo de suas vidas ou do seu cotidiano, facilitando assim o aprendizado.

Entretanto, ao utilizar este recurso, o docente deve estar atento de que o aluno não deve lembrar da história isoladamente, mas sim relaciona-lo ao propósito ou objetivo a que se destina para aprendizagem. O principal objetivo do storytelling na educação é estimular a construção de argumentos e pensamentos lógicos, desenvolver habilidade de escutar uns aos outros e trabalhar em grupo. Segundo Faria *et al.* (2017), é significativamente relevante o desenvolvimento da criança ao ter contado com contações de histórias, além de despertar o encanto, prazer e imaginação, esta prática concilia o real com fantasia na primeira infância.

A grande questão hoje em dia para um professor é integrar vários tipos de aprendizados de forma efetiva e construtivista para uma geração que possui um déficit de atenção muito grande, e também chamada geração Y. E a prática de storytelling abrange a forma de ensinar conteúdos relevantes e importantes para esta geração. Porém, o professor necessita se aprimorar muitas vezes no uso de novas tecnologias, o que dificulta a inserção de novos métodos de ensino aprendizagem para esta geração.

A prática de storyteller também pode ser adaptada em salas de aula temática por exemplo, ou em atividades de campo. O uso da imaginação para esta prática é infinita, uma prática que até mesmo os alunos mais pequenos da educação infantil já conseguem manipular devido ao uso exacerbado da tecnologia no cotidiano da maioria das famílias.

Resumidamente storyteller define-se como: ouvir, aprender, descobrir, criar, comunicar e encantar.

Metodologia

Inicialmente o levantamento bibliográfico foi imprescindível, para enriquecer essa pesquisa, temas abordados desde a história da infância e da literatura até as estratégias e metodologias para contações de histórias na educação infantil, foram revisadas.

Para comprovar a importância da contação de histórias, em que e como ela contribui para o desenvolvimento das crianças na fase da educação infantil, os autores escolhidos foram fundamentais assim como documentos oficiais voltados para a educação que falam sobre isso.

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, 1998, p. 24). “O papel do educador é de assumir um compromisso com o livro, criando o hábito de contar histórias e despertando curiosidade nas crianças para que criem suas hipóteses.” Neste sentido, a oralidade também é muito importante na Educação Infantil, pois enriquece a comunicação e a expressão, uma vez que as crianças fazem uso da linguagem a todo momento, esta ajuda e favorece a interação social.

A contação de história na educação infantil contribui significativamente para o desenvolvimento da criança, despertando encanto, prazer e imaginação, esta prática subsidia a aproximação do real com as fantasias que são fundamentais para o progresso na primeira infância. Mesmo a criança ainda não sabendo ler, ela naturalmente é curiosa, questionadora e esperta, portanto o contato diário com a escuta de histórias promove o gosto pela leitura, pelos livros e pela aprendizagem que vincula o divertimento, ludicidade e estímulo (FARIA *et al.*, 2017, p. 7).

Portanto, é válido considerar que a contação de histórias é uma prática que estimula desde muito cedo o desenvolvimento: cognitivo, afetivo, social, a criatividade, imaginação, curiosidade e conforme a história é levada a ela, estimula sua consciência corporal, a oralidade, o senso crítico, a análise, o poder de argumentação, a motricidade, sua capacidade de interpretar, dentre outros.

Entretanto, estimular a leitura, a manipulação de livros e visualização de figuras não deve ser uma tarefa somente da escola, do professor. Os pais precisam conscientizar-se que este é um trabalho intermitente e contínuo.

Sentar-se com uma criança e contar-lhe uma história demanda algum tempo de pais e responsáveis, por isso na maioria das vezes os pais preferem colocar um desenho, entregar-lhes um tablet ou um smartphone, pois, é mais fácil e prático. Muitas vezes pais,

responsáveis e familiares acham que ler, contar histórias é uma tarefa do professor, da escola e não percebem que esse momento cria proximidade, vínculo, intimidade, além de educar e estimular.

Diversas pesquisas comprovam que o excesso de tecnologia tem prejudicado a vida social das crianças, influenciando no aprendizado, prejudicado a saúde mental das crianças, influenciado na deficiência da oralidade, na postura física, problemas na visão, entre outros.

Portanto, apenas uma leitura mecânica que seja, no convívio do lar já é benéfico, traz interação e fortalece laços e vínculos familiares. Ler para uma criança começa antes mesmo dela nascer, ainda que a compreensão e o sentido daquilo que a cerca inicia-se ainda bebê, nos primeiros contatos com o mundo. Sons, odores, toque, paladar já são os primeiros passos para uma criança aprender a ler e todo esse processo se estimulado será significativo para a vida toda.

E durante a prática do estágio supervisionado na escola já citada, foi oportunizado um momento para que a contação de história fosse posta em prática afim de enriquecer essa pesquisa. A escolha da história foi baseada no conhecimento prévio dos alunos, a partir da narração e ilustração de personagens a história chapeuzinho vermelho foi posta em prática.

Após os estudos bibliográficos as seguintes estratégias foram seguidas: reescrita da história com linguagem bem simples, de fácil entendimento para eles. Para a ilustração desta história foi utilizado um avental como cenário e os personagens ficavam dentro de bolsos e iam sendo retirados e colados conforme a história era contada. A entonação na voz, movimentar os personagens e fazer com que os alunos mantivessem a atenção para aquela história eram um dos objetivos. O mais curioso em contar histórias para crianças, é que mesmo que a história já seja conhecida, cada vez que ela é contada é vivida por eles novamente de modo prazeroso.

Foi notável em todas as salas de aula em que o estágio foi realizado, e em conversas informais com os educadores e com a coordenadora pedagógica, que há uma preocupação latente em trabalhar com crianças da educação Infantil a partir de histórias, pois o primeiro passo da maioria das atividades e projetos feitos naquela escola partiam de histórias.

Esse momento prático como contadora de história proporcionou algumas observações pertinentes para serem descritos nessa pesquisa. Como por exemplo: reconhecer a leitura como fonte de informação e prazer; explorar a linguagem

oral; identificar os personagens da história; desenvolver a percepção visual e auditiva; aprimorar o gosto pela leitura; identificar a sequência lógica de uma história com início, meio e fim; desenvolver a expressão artística e a criatividade.

Considerações Finais

Diante do exposto, considera-se de suma importância a influência da contação de história na Educação Infantil, para tornar crianças leitores competentes e interessados no prazer que a leitura traz.

Após esta pesquisa foi visto que é necessário que a contação de histórias se inicie o mais cedo possível e deve ser incentivada no âmbito escolar para proporcionar um desenvolvimento intelectual, cognitivo e afetivo amplo e efetivo. Apresentando ainda um papel primordial no desenvolvimento das crianças, e possibilitando a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua experiência de vida.

Sendo assim, a defesa da literatura infantil no contexto escolar é válida, como recurso significativo na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Deve ser proporcionado momentos em que o aluno sinta prazer ao estar em contato com a literatura, por isso a importância de planejar, construir, organizar e se necessário reinventar novas práticas e técnicas de contar histórias.

Enfim, empregar a literatura no espaço da Educação Infantil, é uma atividade que deve propiciar sentimentos, emoções e aprendizagem, mas que necessita de planejamento sistêmico, para promover o desenvolvimento integral da criança, tornando-o crítico, afetuoso, criativo, consciente, produtivo e interativo.

Concluindo que contar história com a responsabilidade de contribuir para várias áreas do desenvolvimento e conhecimento de crianças na Educação Infantil é um dos deveres dos envolvidos na educação.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosura e bobices. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

ANDRADE, Gênese. **Literatura Infantil.** São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil. Brasília-DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit.pdf. Acesso em: 11 abr. 2021

CARDOSO, A. L. S; FARIAS, M. A. A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/artigo-ana-lucia-sanches.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021

CAVALCANTI, J. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade.** 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2003.

FARIA, I. G. *et al.* **A influência da contação de histórias na educação infantil.** Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6368>. Acesso em: 30 maio 2021.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola.** Campinas: Papyrus, 2015.

MORAES, F. *et al.* **Alfabetizar letrando na biblioteca escolar.** São Paulo: Cortez, 2013.

NUNES, M. C. **O imaginário na literatura infantil e juvenil e a formação do leitor: um estudo do simbolismo na obra de Ana Maria Machado.** Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/232/1/Dissertacao%20Maria%20Clea.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

PRIETO, B. **Contadores de história: um exercício para muitas vozes.** Rio de Janeiro: Ed. Pietro, 2011.

SANTOS, F. C.; MORAES, F. **Alfabetizar letrando com a literatura infantil.** São Paulo: Cortez, 2013.